

Florence Dravet

OS TRANSPARENTES

poesia

Casa das Musas

OS TRANSPARENTES

poesia

A Gustavo,
Luzes, silêncios
Articulados
Aqui, meu espírito em busca de mim,
Aqui, minha transparência

Sumário

Prefácio	5
Versos ao Lunicórnio	6
O Lobo em Chamas	22
Vozes do Índio Prata	38
Aos Alados e pingos d'Ouro	54

Prefácio

Como o Tao, essência da Alma impregnada em todas as coisas, a poesia nos circunda, nos persegue e nos envolve, seja em seus enlaces de luz e satisfação, seja em sua dolorosa e indiscutível harmonia, por vezes passível de ser contemplada somente pelos espíritos sensíveis.

Ora invisíveis, ora absolutamente perceptíveis, os Transparentes ou a transparência dos que compreendem a linguagem poética, indistinta e carente de nomes e palavras compreensíveis que expressem toda a sua profundidade, torna-se clara como o silêncio impregnando na alma ou como o trovão que ecoa as vozes do coração.

A transparência encerrada na alma do poeta estimula o pensamento de que, através da poesia, é possível alcançar a compreensão de estar, tornar-se parte de alguma coisa ou mesmo chegar a algum lugar desconhecido onde a indivisibilidade inexistente e onde somente a totalidade pode ser compreendida.

Os Transparentes deixam entrever que a poesia possui alma, força, tempo, sentimento, sons e cores compatíveis com o estado de espírito de cada leitor e que cada palavra pode ser compreendida como um mundo individual pleno de possibilidades e revelações.

Embora erudita e múltiplo expressiva em suas formas, a poesia pode revestir-se com o mais profundo silêncio e tornar-se tão arraigada ao espírito e ao coração que é capaz de romper todas as barreiras e revelar toda a simplicidade e transparência não captáveis pelas palavras proferidas, mas apenas pelo murmúrio e pela contemplação.

Elevação, suavidade e vacuidade exaltam-se na transparência, cuja compreensão não necessita da racionalização dos conceitos, mas revela-se como a essência da intercomunicação elevada; aquela que direciona e expande a intuição, revelando em toda sua força, a sabedoria que se completa na multiplicidade de certezas e incertezas daqueles que se revelam pela poesia.

Nesse livro, Florence Dravet revela que os Transparentes contêm a harmonia dos contrastes e o verbo encerrado em sua linha se converte no silêncio verdadeiro do coração elevado. A lucidez de cada verso expressa um aprazível emaranhado de energias que focalizam sua atenção na mais sublime expressão do Amor e de como o Tempo jamais regressa aos estados anteriores, mas possibilita a contemplação e a compreensão de que o som do silêncio e do coração expressam a verdadeira alma transparente - ou apenas encoberta - dos poetas.

Marcelo Costa Nunes Apeja

Versos ao Lunicórnio

Perto da lua num céu de guizos, um Lunicórnio ergueu sua força encimada. Naquela noite imensa, foram poucos aqueles que ousaram olhar a altura. Ficaram retidos à beira de si mesmos a contemplarem o abismo e não viram finas poeiras que penetraram os interstícios de seus pensamentos. Os imprudentes acordaram com aquilo, brilhando invisível, e puseram-se a caminhar no infinito. Com o tempo que nunca se extinguiu, aprenderam a despir as palavras de suas cascas. Fabricaram cristais.

Quando eu terminar de escavar meu corpo, encontrarei as águas transparentes e chamarei a todos para que vejam.

Quando olharem para as águas de mim, tomarão um susto com o que verão e pedirão clemência a tanta dor.

Então, escavarão seu reflexo e encontrarão a doçura das águas, escavarão seu próprio corpo e seus líquidos deslizarão nos meus.

Ele voltou, o Lunicórnio, e ocupou o céu.
Ouvi dizer que sua força não tem nome.
Assim, há sempre um outro possível para dizê-la.
Assim, ela não se desgasta na vulgaridade das bocas.
Assim, ela não atende a nenhum chamado.
Fugaz e eterno, não mereço compreender o Cavalo da Lua.
Fugaz e eterno, ele é revelação na imensidão descortinada
Do nada.
Ele voltará outras vezes, o Lunicórnio, e ocupará meu céu.

As raízes da flor pendiam no abismo.
Tinham-nos avisado: não haveria liberdade sem medo. E quando
nosso pensamento nos conduziu aos limites da linguagem, enchemos
a frente atrás com flores. A minha era amarela e o Lunicórnio me
acompanhava.

Mãe! As árvores floriram depois do grande inverno e as cascas cinzentas sararam suas feridas.

Uma dor recolhida apascenta os capins. Há folhas no céu e no chão.
E eu atrás de mim, com um pacote enorme a pesar bem no meio.
Com um sopro divino a vencer todo o peso. Com um chifre na testa,
mãe! Com um chifre na testa.

Umás poucas linhas, nesta língua que você não entende, para clarear todas as linhas que eu nunca entendi; todas as provas lógicas e as certezas másculas nas quais eu me perdi.

Umás poucas linhas noutra língua que só o Lunicórnio, encimado de todos, alumiou no céu. Com a clara Lua, clara fluida de mim, a Lua que não pára.

O Lunicórnio existe.

Sim. Ele existe. Sem explicação, ele existe. E aos que não entendem, eu compreendo.

O Lunicórnio existe como minha mãe existe nas terras distantes. E morta ou viva, ela sempre estará. Por isso, não precisa que eu a veja, que a chame ou que lhe peça um beijo de boa noite. Certas crianças aprendem isso muito cedo, outras nunca.

Adentrar o mistério e multiplicar imagens. Há muito tempo eu desertei os raios de quando tudo brilhava nas noites de antigamente. E agora vêm os Transparentes e me pegam pela mão. E mesmo assim, eu como eu, fico agachada no fundo e toda a água acima. No mais profundo, vejo que as luzes novas sempre guardam os reflexos antigos.

Lá onde habitam os Transparentes, haverá o antigo e o novo? Haverá como caminhar adiante?

Ele chegou bem cedo e bebeu água. E ficou ali por um longo tempo, um tempo suficiente para serenar minha alma.

Era o Cavalo da Lua, eu sei. Vi com os meus próprios olhos.

Esses mesmos olhos que desenham plantações de trigo no céu e saem à noite para a colheita antes que a chuva chegue.

Esses mesmos olhos que adivinham tuas mentiras de criança. Os mesmos que pedem perdão por sentir tanto medo.

E esse espírito no escuro em busca do que estará perdido.

Já quando a constância da história nos revelou o amor do sangue, da ganância e da imbecilidade, não havia mais pedra, não havia mais árvore, não havia mais água; apenas imagens. Agonizava de secura o tempo dos homens e no véu da indiferença os Transparentes haviam ido. Dizem que nos presentearam com o maior vestígio que seu desdém permitiu conceder-nos: as ilusões.

Enquanto os aprendizes videntes aguardam imóveis que as coisas e os seres lhes livrem seus segredos, meus gritos grosseiros se vão com o vento por cima das matas densas, o sal de minhas lágrimas se esvai no turbilhão das cascatas.

E nós, nós trocamos os cacos da nossa pobre vontade; despedaçada.

- Cuidemos, pois, dos seres e das coisas. Ponhamos sobre suas cascas os nossos olhos de cristal e aguardemos; no mais ressequido silêncio com o cheiro podre a penetrar as peles, tenhamos força para esperar até que a nudez não nos ofusque mais; tenhamos coragem de nos tornar ingênuos e suportar o gosto insípido da pureza.

- Mas e a beleza das coisas? Para quê a aposta no consumir da linguagem se me é dado apreciar e consumir os bons frutos da terra? Eu já havia me despojado do meu nome e andava só, cercada de todos. Tuas perguntas me acompanhavam e, sem resposta para te dar, eu confiava no Lunicórnio à frente.

Sim. Houve um primeiro sopro que meus passos bambos eternamente hão de lembrar. E depois disso, eu contigo, nunca mais paramos de caminhar.

Ele chegou numa tarde branca daquelas em que os meteoros passam despercebidos. Hoje à noite, ele disse, haverá duas luas no céu. Ofereci-lhe meu corpo e com seu sopro ele me fez. Com minhas palavras, ele falou. Dentro de mim, ele refez o mundo. Deu-me tudo que podia conter e um pouco mais. Ele tinha o amor. E eu a minha alma.

Na noite das duas luas, os córregos da terra beberam sangue novo; os gagos se enrolaram nas farpas do arame; as mulheres paridas entregaram seus filhos às virgens; e elas, ao verem a carne fresca, festejaram pela última vez.

Ele não se comoveu

Deixou lá corpos e uivos

Bateu três vezes ao chão

E desapareceu...

No tempo de todos os homens, o dia nunca acabava; torturava-os o contorno permanente das coisas ilusórias. Somente os Transparentes tinham preservado o direito à clareza da noite e à sinceridade do Sentimento Maior.

Mas a intranqüilidade dos torturados era tanta que desenharam caveiras e cruces e condenaram as portas da escuridão com os Transparentes dentro. Escreveram códigos em enciclopédias com símbolos trocados e chamaram de metáforas os vestígios moribundos das verdadeiras constelações.

Enquanto insistirmos na transparência do cristal e no brilho das estrelas mortas, não encontraremos a magnitude do Sentimento Maior.

É no âmago impenetrável do granito que habitam os Transparentes. A força bruta há de ser o material mais enlevado. Tudo que de rude e abrupto se oferecer a meu mal-querer será semente de uma potência inabalável a aniquilar nossa mortalidade.

A explicação prosaica roubou ao nome o seu canto.
A repetição prosaica roubou ao nome o seu encanto.
O Lunicórnio jamais se deixará constelar com estrela nenhuma.
Dei-lhe um nome ao pensar que uma metáfora poderia garantir a sua
liberdade. No entanto, todos os nomes prendem e a força
desvirginada sobrevive.
Virgem é o desconhecido.

O Lobo em Chamas

Caiu a primeira estrela, a poesia pegou fogo e o lobo correu. Com o rabo incendiado atrás, ele abriu caminhos na neve fria. Engasgada eu o segui. O Lobo em Chamas.

De dia, ele tinha pêlos cinzentos, olhos vermelhos e uma boca cheia de dentes arrumados. E ele grunhia feio diante da falsidade lambida da claridade fraca. À noite, rente ao chão, seus passos aveludados; e dentro do vasto círculo, uivos apaixonados.

Com o Lobo negro ao meu lado, apanho ervas no mato em chuva.
Saro minhas feridas, calo meus gemidos. Vão-se as lamentações na
imensidão do tempo atrás; a dor em lascas permanece, arma dos
justos.
Não farei nenhum discurso poético. Escreverei um verso a cada
esquina.

Alimentar o fogo. Manter algumas distâncias. Recolher a água da chuva para molhar o espírito em casos de secura. Não haverá descanso para o aprendiz. Nem a mão quente do outro na alma.

Somente os Transparentes e as luzes à frente. O Lobo em Chamas e a mão quente em meu corpo.

Pronto! Em mim, um homem enraizado.
Cortei todas as flores velhas do jardim para emoldurar meus quadros.
Com cera de abelhas vivas, fiz uma lápide e um epitáfio: entre os
ramos da masculinidade, floresce uma mulher para a eternidade.
E a força do Lobo deitado no fundo.

No primeiro dia, acordei com a Rosa Negra no meio.
A dor para vingar o erro e minhas mãos agarradas à grade do silêncio. Implorando as águas do coração: um instante de calma e o Lobo fecha os olhos no escuro.
No dia seguinte, lá estava Plutão no céu justo acima.
A explosão para acontecer e fazer chover a sabedoria, com os olhos rasos d'água.

Os Transparentes por vezes dilaceram o coração ensangüentado.
Como aquele que reconhece a filha de Circe e seus braceletes de ouro. Sabe bem ele que ao primeiro grito de raiva do Lobo ensandecido, os dedos em riste da moça mandarão o bando de porcos lamber a lama de seus pés sujos, eternamente sujos.
Os cabelos soltos calam-na por dentro e ouvem os ventos, para aprender a canção, para nunca parar de cantar e com a doçura, adormecer o Lobo em Chamas.

A caverna do Lobo é de pedra e em labaredas ele rosna na reclusão estreita enquanto a Rosa gira. Urge a deflagração da estatuária. Lá fora, vergam-se os bambus com as rajadas de vento e mais em cima, na brisa azul, bailam pássaros mil.

A quando a libertação das torrentes de lavas?

A quando a conjuração do Sentimento Amor?

Cá estamos. Nós, à espera do mistério por vir. Cá estamos, na fronteira da sombra e da luz, apaziguando o Lobo, alimentando o gado.

Mas eles, eles há muito se retiraram, não sem antes plantar no centro da planície branca a árvore do Tempo. E agora, cá estamos a enviar aos céus, cheios de esperança no peito, assinando com pena branca o canto queimado da folha, aviões de papel. Enquanto os outros, nas terras de lá, fazem auto-de-fé na fogueira do dizível e apagam as linhas tortas da dúvida. Nenhuma árvore cresce naquelas paragens que não esconda em seu âmago uma ingenuidade ainda. Nas terras áridas de certezas, nas terras encharcadas de lamentos, nas terras grossas de maledicências, de vez em quando, retorna um ou outro avião dos semeadores de boas novas. A maioria queima no esquecimento dos atos de razão.

Aguardaremos em silêncio que cresça a árvore do Tempo. A bruta. A intocável.

Palavras límpidas, azul-lilás.

O que assusta na menina azul é a fundura do poço e a candura das águas de dentro. O resto comove: seus passos leves à margem do caminho, os ramos de flores ainda ensolarados e as fitas no cabelo. Por que não deixam essa Vidente das Origens sussurrar suas palavras no ouvido do Lobo?

Mataram a ingenuidade. Embevecidos de luz solar, tornaram-se cômicos e esclarecidos. E no dia da alegria e da tristeza confundidas, a comoção dominou a cegueira leonina e os conduziu; transformaram a fundura dos olhos em laqueado pérola e as imagens de mar e céu foram guardadas para o efêmero dos entusiasmos. Encantaram-se para morrer melhor.

Agora a transparência clama.

Fere primeiro o coração do homem e convida a risada da menina azul a atormentar a comoção hipócrita.

A despir-se do medo.

E a amar o Lobo.

Continuo sem voz
Petrificada ainda
Mas dentro chora um rio com saudades de mim

Um dia hei de correr livre do meu nome
Com a flor a girar e despetalar meu corpo
Com a força desperta a carregar minha alma

Trocarei as palavras por imagens
Os argumentos serão pingos de luz
E os homens, ah! os homens! Terão na cabeça um deus e no centro
uma Rosa

Na casa do Guardião da transparência, desponta ao céu a espada do Justiceiro; nutrido ao gotejar do fel.

Quando a hora do extermínio já havia chegado, as hostes revestidas de branco corromperam seu chão e puseram antolhos nos cavalos. Farejaram o rastro do poder invisível nos charcos das confluências do mundo. Queimaram sua assinatura em terras profanadas; e assim, ao tomarem as cicatrizes por focos de contaminação, perseguiram sem cessar o invencível em suas formas mais vulneráveis: as da matéria.

Um punhado de gente de coragem com sede de justiça clamou por ele. Poucos foram os que sobreviveram e aceitaram sofrer a ira do mundo e adornar o Lobo. Deixamos que falasse. E agora, diante de nós, a Rosa gira sobre o ossuário destroçado das estátuas brancas.

Um campo de batalha recoberto com véu;
Uma chuva a apagar as chamas;
E o Justiceiro a atormentar as almas.

Na casa transparente, Ele zela por nós.

Nos primeiros dias de maio, o céu enrubesceu. Desceu a Dama de Vermelho para avisar que o amor estava Morto.

Chegou a vez do negro diáfano. Enrole-se na capa do Construtor de Mundos e suma! Suma de pronto deste rio de pedras.
As águas verdejantes nunca a abandonarão. Nem a Rosa do seu coração. Nem o Lobo, nem o seu guardião.
No novo mundo, há uma planície branca com uma árvore no meio.
Vá. Vá sem medo.

O semeador de boas novas apanhou uma a uma suas notas musicais.
E para sempre, nos deu as costas.
Em nossa terra, a primavera não existia. Restava-nos apenas o
vermelho enegrecido das luzes do Avante.

Devo reconhecer o princípio determinante do Verbo. Agora que o girassol murchou, se quero, ousar e falar e se por vezes calar é porque, mais que nunca, Existo.

E devo falar também do princípio dinamizante da Fé. Ainda que as árvores tenham sido abatidas, sigo buscando Aquela, a mais alta com os pássaros voando lá onde o céu se abre.

Por fim, o princípio vital do Amor. Um dormiu, o outro já se foi, o terceiro esqueceu, mas eu te amo.

Estou VIVA!

Vozes do Índio Prata

No meu tempo, o amor entre homens e mulheres existia. Eles tinham nome de árvore, elas de flor. Abraçavam-se porque sabiam que um não seria sem o outro. Com o tempo dos homens, as primaveras se extinguiram e os filhos são gerados no outono. Os novos poetas choram. Escrevem versos como as árvores soltam suas cascas secas. E as mulheres murcham depressa.

Mas eu vos digo, somente os mortais mudaram. Em seu exílio, a transparência permanece e no invisível aguarda o Sentimento Maior. Também o Tempo no mar de estrelas segue o curso das mudanças e do irremediável.

Os mortais perderam o essencial e já não sabem o que querem com os Anjos. Clamam por eles aos uivos à noite. E de manhã, esquecem-nos, sufocados que estão pela esfera do tangível.

Quando saíres em busca da água primordial, prepara-te para a tua sede. Apronta-te a não beber água de rio. É o lamento da montanha. Apronta-te a não beber água do mar. São as sereias que não param de chorar. Apronta-te a não beber água de poça. É o desejo do tempo que não volta. Apronta-te a não beber água de poço. É o suor dos aldeões descrentes.

Procura a água que reflete teu céu. A gota azul que regenera tua alma. A única. E quando a encontrares, traze-a de volta à tua terra.

Lembro-me bem que antes de partir, o último dos habitantes colheu um pé de camomila, um de arruda e outro de manjerição. Fez um chá forte e verteu sobre a terra batida da oca antiga. Depois das preces, deixou os destroços e as fumaças velhas.

No momento de empreender a grande obra, dizia ele, o Construtor de Mundos deter-se-á ali e das forças invocadas gerará um novo homem, de dedos perfumados e coração sagrado. Um Homem Inteiro.

Em silêncio, tomaste a própria vida nas mãos. Olhaste para dentro e não encontraste nada. Do nada, deixaste que transparecesse lá no fundo um sopro de vontade. Criaste um mundo novo. Nele, traçaste caminhos. E na calada da noite, deste os primeiros passos. Como foi Belo ver-te seguir pela manhã e nunca mais parar!

Antes de conhecer o homem-árvore, bebias e sentias sede, comias e tinhas fome.

Por um tempo que te pareceu curto, ele te alimentou e te desalterou.

Pensaste que vivias. Ele sorria, tenro, e tu choravas, enternecida.

Um dia, já cansado de exercer o amor, o homem-árvore te deu as costas e foi dançar sozinho. Para sobreviver, puseste a Rosa para girar e pela primeira vez viste a beleza do Índio Prata.

Foi quando floresceu uma flor branca em ti, anunciando a fonte do Amor Eterno.

Agora bebes só; e os Aprendizes bailarinos da corda bamba descansam ao teu lado.

Sentes saudades das tenras ilusões?

Não preferes as águas autênticas de ti?

Entre as brumas da madrugada, ele estende a mão e, do fundo do vale ao alto da Serra Negra, tece em fios transparentes as pontes invisíveis. É nelas que vou pela vida. Conduzida pelo Índio Prata, adormeço todas as noites e desapareço nas brumas da manhã. De dia, sigo caminhos diáfanos, veredas íntimas.

O Leão cego se engana. Seus súditos o abandonam. E os velhos guias
dão-lhe a mão.
Deixe-o também porque você nunca foi guia, apenas súdita.
Deixe-o e fique com o Sentimento Maior.
Você, que sabe transformar uma coisa noutra;
Você, com Sete flores nas veias, que ama, vê e cala.
Você, que nomearam Helena, e que percorre agora estradas
transparentes.

Aqui onde estou, está tudo claro. Lúcido.
Os chamados estão nítidos.
Estou vencendo o medo da realidade bruta porque tenho que ir.

O Índio Prata diz que as lágrimas secarão com o vento.
Que a dor passará com o tempo.
E que o amor conhecerá um novo alento.

O Índio Prata diz também que lá de cima a vista é mais bonita.
Que o corpo dança com a canção do espaço Aberto.
Que as palavras fluem entre o um e o Todo.

Salve! Salve o Índio Prata que nos guarda!

Diz. Diz aquilo que a pulsação verbal em ti desperta; o que vês inscrito na dança das chamas com o vento da noite; o incompreensível que a Transparência exala.

Dize-o na língua que te acolheu e que é a nova terra em que te ergueste; na língua mãe que em teu exílio nunca abandonaste; ou na língua híbrida que é só tua porque o dizer é íntimo. Mas dize-o, mesmo que depois tenhas que morrer em silêncio. Porque o que tens a dizer há de ser dito em alta voz.

Suplico-te: tu que recriaste a língua, aquilo que todos esperam, dize-o por eles.

Há dentro de mim abismos insondáveis, porque tenho no corpo o firmamento todo. E é assim que vou: com os astros à flor da pele, a boca cheia de luz. Mas, e as novas constelações? A quem hei de mostrá-las se meu caminho é solitário?

- Guarda segredo até chegar o Homem Inteiro – soou a voz do Índio.

“Depois que largaste a última amarra, só restam em teu mundo aqueles que não dão esperança, aqueles que não ouvem, aqueles que não têm olhos para a lucidez cruel. Não há mais o homem louco a carregar teus sonhos, a encantar-se com teus poemas, a admirar as palavras contigo. A recolher teus pingos de luz.

Igual a ti, agora, todos vivem e morrem. Riem e choram. Falam e calam. Entras em desespero: onde está a Loucura do mundo? O rasgo no céu? O Azul e o Amarelo para o nosso verdor-arvorescendo?

Ouçame, menina das lágrimas azuis! Agora como os outros, tu também tens que viver e morrer, rir e chorar, falar e calar! Mas, por favor, guarda todos os segredos. Guarda a Ingenuidade e a Transparência. Guarda os sonhos e as luzes de cima. Guarda as imagens todas, as mais loucas. Pinta, escreve, molda, grita, constrói!

Sobretudo: confia!

E não se esqueça, para o mergulho na profundidade da noite, não há companhia melhor que a tua. Logo, estará tudo mais claro, as águas correrão mais fluidas. E o tempo estará mais próximo da emergência do Homem Inteiro”.

Assim falou o Índio Prata.

Ele desenhou todos os galhos, as folhas e as nervuras com relevos
vermelhos. Colocou Sete flores para dar sorte. E uma cobra em torno.
Ele era mágico; o Amigo branco.
Ele era grande; o Amigo negro.
Ele era sábio. Possuía todas as vozes. E sabia cantar.
Era um Transparente.

Escondi meus segredos em nomes insensatos e ofereci aos mortais. Fiz imagens para vender na feira:

- Palavras transpassadas! Novas constelações!

Meus guias. Meus segredos. Agora vossos. Oferecidos. Entregues. Compartilhados para quem quiser.

Agora é necessário agir. Em direção a quê? E dando as mãos a quem? O homem inspirado pelas certezas de baixo é só pavor. Eu só tenho meu grito para abrigar-me e já me joguei no abismo que se atravessa só.

No invisível à frente, aponta a mão do Índio Prata: há no fundo um riacho, uma água que corre e as lições da pedra.

O dia da clemência havia se passado. A língua já havia se tornado puro instrumento de comércio. As palavras do Índio estavam guardadas nas pedreiras e ele, agora, caminhava mudo. Somente as crianças viam a luz através da opacidade aparente das coisas. Vagas lembranças por vezes atormentavam as almas mortais. A Transparência vivia escondida no invisível.

Quando o poeta chegou, ameaçou o mundo de morte. E os mortais o apedrejaram. Somente os Transparentes o acolheram. Puseram-lhe na mão os segredos do Verbo. E ele até hoje não sabe a que mundo pertence. Vive no limiar, com as portas abertas, um abismo à frente, suas mortes atrás.

Tenho aberto os olhos para a realidade franca, sem outro intermediário que mim mesma. Vi que é preciso escrever versos com a tinta da indignação, é preciso vomitar palavras com os sentimentos em brasa, é preciso revolucionar a ordem gramatical das nossas existências e escrever prosas enfurecidas. Mas também é preciso agir e seguir o canto dos Anjos, por mais estridente e insuportável que seja sua pureza.

Esta foi a última lição daquele que era livre porque não tinha nenhum crime em seu coração.

Quando, um dia, tendo semeado as boas novas na terra, sua leveza subiu, eu nunca mais parei de olhar para cima. Eu tinha meus pés no chão, o peso do meu corpo e o coração batendo contra os feitos do homem. Restava-me a Liberdade relativa da Ação poética.

Aos Alados e pingos d'ouro

Encontrei. Encontrei a fórmula para o cultivo do Sentimento Maior. O Sentimento Maior é livre! O Sentimento Maior tem asas!
E essa luz alada batendo no Aberto alumiará nossa coragem com raios de sol e lua.
E a chuva de estrelas libertará da prisão todos os enclausurados do amor unívoco.

Aqueles que durante séculos deturparam o maior dos sentimentos, menosprezaram suas capacidades de vôo, cortaram suas asas, chorarão lágrimas salgadas que serão matéria primaz para os cristais que nós, nós os Alados da palavra poética, ofereceremos aos nossos amantes-aprendizes.

Rindo com eles, comeremos os cristais de outrora e semearmos as novas fórmulas fundamentais da felicidade: as Asas. Aquelas que não se semeiam em terra, mas nos espaços abertos, possíveis e prováveis.

Ingênuo. Meu maior sentimento tem fé sem entender por quê. Perdoa todas as tristezas e o absurdo de viver e nada compreender.

Saiam, olhem para o fundo dos quintais, em meio às ervas loucas e livres do jardim à noite, observem as pequenas flores amarelas e as azuis, observem as gotas minúsculas de sereno. Os sonhos são assim. Vivos e clamorosos. Nascem da emoção do céu diante das cores puras. São pingos d'ouro que caem como o perdão no coração do homem. Angelical.

Criem coragem! Desenterrem as Estrelas há muito tempo guardadas em segredo, porque tinham-nos contado que os astros só eram feitos para brilharem lá em cima. Mas há estrelas cá embaixo. Estrelas enterradas debaixo de três pés de chão pedindo para serem libertadas. Os loucos que não se assustem. É bem verdade. Chegou a hora dos enclausurados de todas as espécies deixarem seus túmulos e olharem para os brios daqui que refletem o céu.

A força que ora nasceu foi forjada às labaredas do nosso amor. Das tuas exigências, tuas crueldades, de todas as humilhações, fiz espadas para defender a Casa que ora me abriga a céu aberto, entregue ao risco. Do cansaço e pedidos em vão, fiz armações para estender as rendas e os gestos íntimos de quando um dia o amor voltar à pele. Da verdadeira felicidade que me deste na inocência do sentir, fiz chaves e abri grades: voaram asas, pingaram pétalas de ouro. Na prisão em que me enclausuraste, tomei minhas lições de vôo. E agora veja como é Livre o nosso amor!

Aqui no mundo dos Anjos, os fios de ouro da verdade são tecidos todos os dias. Lições de sabedoria fazem brotar palavras que como chuvas inundam nossa imaginação e vão parar em rios fundos nos abismos de nós.

Vejam os poemas. Lançados ao ar, eles voam. Consolam alguns homens de olhos inchados. Percorrem o mundo à solta. Mas nunca, nunca renunciam.

Não deixemos que as palavras se esmaguem como lágrimas e sequem sem deixar rastros. Cuidemos da sabedoria angelical e façamos dela o Fundamento para nossas ações.

Lá de onde venho, os homens já não lembram o nome dos Transparentes. Tornaram-se estranhos àqueles que caminham destinos sem limite. Andam pelo tempo de agora com os pavores a lhes cavarem estradas. Choram por tudo. Riem por nada.

Lá de onde venho, eu não fiquei sabendo do essencial. A história que ouvi era única e vivia num céu inalcançável. Eu não acreditei, mas também não desacreditei. Apenas caminhei rumos desencantados.

Lá de onde venho, ninguém ouviu a história Bela, iluminada à luz de sol e lua. Ninguém ouviu os cantos do tempo e do vento, dos rios-mares, pedras e matas. E sobretudo ninguém deixou que os Anjos falassem.

Renunciarei por vezes ao domínio do meu corpo e fala para que os Anjos sejam o que não ousa ser, para que guiem meus passos e me façam agir além de minha pequenez - antropológica. Entregarei minha fé aos sonhos mais altos que povoam meu céu, aos que sobrevoam cidades e florestas e aprenderei a viver destinos sem limite. O mundo será novo. E acolherei o Homem Inteiro.

Ontem passou por mim o Cavaleiro Azul. Foi na respiração e na
consciência inteira.
Em troca do meu corpo ele me deu a lança,
E a certeza reta da resistência inócua.
Sinto comigo tudo e ouço dentro os cascos, o fogo da passagem, os
golpes de espadas.
De joelhos ainda, faço uma oração
à Ordem voluntária
e às chamas ardentes.

O inverno não tem fim.
Córregos de dor e sal empurram as mulheres ao risco da torrente. O
calor de outrora abandona a cama dos senhores. E dos nossos pés brota
deveras um Tempo Transparente.

Força do meu Amor
Força de Fé e Irmandade,
Força da retidão em noites estreladas,
Força devaneante em caminhos avantes,

Faça-me.
Refaça-me.
Seja meu Homem em noites de dezembro.

De longa viagem chegava a Velha quando irrompeu em minhas costas
Deu logo três sacolejadas e acendeu o seu cachimbo
Pedi licença para ocupar por um momento minhas idéias
Aliviou minhas confusões, descarregou minhas mazelas
Na minha cabeça deixou sua vela
Pões-me na mão o seu rosário

Ela já se tinha ido quando entendi sua lição: uma Luz conduz a outra
Luz seja qual for a escuridão.

Há que olhar a flor e levar o real até a ação. Emocionar.
Há que encher a boca das crianças de capuchinhas. Levar a Inocência até a abdução. Ressuscitar.
O resto é fazer fumaça, conduzir as possibilidades ao mais alto.
Devanear.
Então, de coração apertado, há que seguir e enfrentar.

Ao lado dos ferros e da brutalidade, a luz dourada eternizou a virgindade e para sempre suspendeu, ao centro da força, um Pingo d'Ouro que nunca cai. Cá está ele, a alimentar nossa Coragem, a iluminar nosso Silêncio, a aquecer nossas fraquezas.
Não precisamos de consolo ou reconforto.
Antes de Fé.

Dentro do corpo, um labirinto de vísceras e humores. Sim, os meandros da alma.

Lá onde habita a Vidente das Origens, o Lobo se diverte com o pavor dos outros. O pavor de homens e mulheres. Esses efêmeros.

Há, porém, entre os mortais, uns poucos vencedores escarranchados em cavalgadas selvagens, cortando o vento com suas flechas de vontade. Conduzindo a vitória anônima com os órgãos intactos dentro do corpo. Fluindo a alma límpidos cursos.

Aos dissimulados, aos fracos e aos frágeis,
Em nome dos Alados e pingos d'ouro, devo dizer:
Nenhuma máscara resiste à Transparência.

De que valem os elogios dos afoitos, dos apressados e dos apaixonados? Certos sorrisos em bocas de mel trazem aos olhos o desconforto do excesso.

Gosto dos que atentam para a profundidade subjacente aos mapas da pele. Dos que gozam a vida devagar e não se abalam com os tambores ao longe. Dos que correm o risco da sabedoria em tempos de loucura.

Diante do precipício de nossa incoerência, às vezes, a horizontalidade ajuda a vencer a vertigem.

Flor mais que flor. Não há mais jardim que a essência. Nada; no início, era nonada. Onde no nada, não havia nada que mais palavra. Palavra. Calada dentro da pedra, densa de matéria muda. Palavra, vistosa dentro da flor.

Eu mais que eu. E meu espírito aos Transparentes.

Que beleza, o meu maior sentimento assim, solto no mundo!
Que beleza a impossibilidade de desamar!
Evapora-se em todos, condensa-se em um, voa sem corpo o
Sentimento Alado.

É o cavalo enluado no trival do céu.
É o Pingo iluminado de ouro.
A Transparência. Talvez a Fé.

Vossas imagens estavam gastas. Encontrei a Moça à luz de vela e o
milagre vermelho. Corpo e espírito. Minhas vozes na toalha rendada.
Branca. Pura. Iluminada. Virgem.
Ainda.